

A Construção da Identidade Cultural no Romance *Serra Dos Pilões: Jagunços e Tropeiros*, de Moura Lima

The Construction of the Cultural Identity in the Novel *Serra dos Pilões: Jagunços e Tropeiros*, by Moura Lima

Jonnes Maciel Nunes¹

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O presente artigo pretende discutir a construção da identidade cultural das personagens da obra *Serra do Pilões: Jagunços e Tropeiros*, de Moura Lima (1995), que relata os conflitos do cotidiano nos sertões da região central do Brasil nos idos de 1890, partindo de questões relacionadas ao regionalismo brasileiro. Assim, serão abordados pressupostos teóricos a partir de Stuart Hall (2006), dentre outros. Isso leva não apenas ao passado narrativo, mas também à fragmentação das concepções dos personagens no sertão da região central brasileira. E também, trata da estrutura do romance evidenciando a identidade das personagens, que discorre sobre as questões concernentes ao social no contexto do sertão central do Brasil, mais precisamente no Tocantins e traça uma reflexão sobre a figura dos jagunços na construção da identidade regional.

Palavras-chave: Romance; regionalismo; jagunços; identidade cultural.

Abstract: This article intends to discuss the cultural identity of the characters in the work *Serra do Pilões: Jagunços e Tropeiros*, by Moura Lima (1995), which reports the everyday conflicts in the backlands of central Brazil in the 1890s, starting from questions related to Brazilian regionalism. In this sense, theoretical assumptions from Stuart Hall (2006), among others, will be addressed. This leads not only to the narrative past, but also to the fragmentation of the characters' conceptions in the interior of the Brazilian central region. It also deals with the structure of the novel, evidencing the identity of the characters, which discusses issues concerning the social in the context of the central hinterland of Brazil, more precisely in Tocantins and outlines a reflection on the figure of jagunços in the construction of regional identity.

Keywords: Novel; regionalism; gunman; cultural identity.

Submetido em 10 de junho de 2022.

Aprovado em 15 de agosto de 2022.

Introdução

Jorge Lima de Moura, também conhecido como Moura Lima, é um goiano nascido em Itaberaí - GO no dia 02 de dezembro de 1959. É escritor de obras afamadas no território nacional e internacional. O seu livro, *Serra dos Pilões: Jagunços e Tropeiros*, de 1995, foi enviado pelo governo do Tocantins para a *Central Connecticut State University* para compor o acervo da

¹ Jonnes Maciel Nunes, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras – UFT/CPN, E-mail: jonnesmac@yahoo.com.br

biblioteca da instituição. Esse feito foi empreendido como forma de divulgação da produção cultural e artística do estado, e como forma de reconhecimento da qualidade do trabalho de Moura Lima. Dentre outros romances estão *Veredão-Contos Regionais e Folclóricos* (1999), *Poemas Errantes* (1972), *Sargentão do Beco* (1972), *Mucunã-Contos e Lendas do Sertão* (2000), *Negro D'Água – Mitos e Lendas do Tocantins* (2002), *Chão de Carabinas – Coronéis, Peões e Boiadas* (2002) e *Zênite – A Linguagem dos Trópicos* (2007). Essas obras exemplificam a imaginação profusa e engenhosa deste escritor.

Moura Lima iniciou seus estudos no interior de Goiás e terminou o curso clássico em Goiânia. Em 1980 iniciou o curso de Direito Faculdade de Anápolis, terminando-o em 1989. Antes de se aposentar, foi escritor, poeta, ensaísta, pesquisador, advogado, agrimensor, pensador, ativista, produtor cultural, literato, cronista, contista, administrador, educador, conferencista, orador, memorialista, romancista, folclorista e membro fundador da Academia de Letras do Tocantins.

A obra *Serra dos Pilões: Jagunços e Tropeiros*, foco deste artigo, traça uma narrativa empolgante sobre dois grupos de peões em um trabalho incessante de fixar o domínio em espaços sociais que ainda não têm um poderio definido. Com violência, rituais medonhos e linguajar anacrônico, o desenrolar da trama apresenta ações que versam sobre o bem e o mal e que evidenciam o papel social das personagens, proporcionando ao leitor sentimentos distintos e relevantes.

O enredo da narrativa se aproxima da realidade ao apresentar as características do território, ressaltando os nomes de algumas espécies animais, plantas e o relevo com suas montanhas e rios exuberantes. Apesar de ser uma obra fictícia, as personagens, ainda que em um trabalho fatigante em firmar o domínio da região, apresentam sentimentos de ternura e de romantismo quando, por exemplo, o autor constrói a trama dos jagunços com as personagens femininas, enveredando, assim, pelos aspectos das paixões e sentimentos humanos.

O romance apresenta personagens emblemáticas que enriquecem a história com as suas características, algumas delas simplórias e que chegam a se assemelhar com as pessoas da vida. A narração vai fazendo um resgate do passado individual das personagens, assim como da identidade de cada uma delas. Tendo em vista o exposto, o presente artigo abordará a questão da identidade dessas personagens na obra de Moura Lima.

Identidade Cultural

À medida que se dá a leitura do romance, percebe-se a clareza com a qual o narrador expõe as personagens em suas características e ações, traçando a identidade de jagunços e tropeiros. A saga dos “cabra-macho” vai rompendo, a princípio destaca-se a natureza dos nomes e os apelidos que compõem as personagens que formam o bando comandado por Euledino Martins, apelidado pelos jagunços de Capitão Labareda, e reconhecido por ser um “cabra valente”, que está atrás de João Alberto Cacheado e Abílio Araújo, vulgo Abílio Batata, líderes do grupo que vem assombrando o Jalapão.

São esses dois grupos que dão vivacidade ao romance. É a partir dessas personagens que as demais vão adquirindo existência. Após a devastação da Vila de Pedro Afonso por Abílio Batata e seu bando, os personagens vão definindo suas identidades, com ações de violência e expressão de sentimentos humanos, como a empatia e o respeito pelo próximo. A seguir, um trecho do romance que destaca o cenário de destruição da Vila de Pedro Afonso:

A Vila de Pedro Afonso, outrora cheia de vida, com os batelões descarregando mercadorias no porto local e saindo carregados com os produtos da terra, para o Maranhão e Belém! E agora? Um cemitério! Uma tapera! Parecendo povoado fantasma, depois do assalto da jagunçama de Abílio Batata. O sangue correu em riacho gorgolejando para o Tocantins e o rio do Sono. Os papos-amarelos repicaram a cantiga da morte. Urubus ficaram com o bico doce, de tanto comer cadáver (LIMA, 1995, p. 24).

Como a região era marcada pela violência e a dureza dos homens e a segurança do governo insuficiente para avançar, era preciso o levante de pessoas, conhecidas como de bem, para assumir a demanda e fazer justiça com as próprias mãos. Então, o romance vai se desenhando a cada ação tomada pelas personagens, que, como lembra Adorno (2003, pp. 27-28), são enigmáticos uns para os outros – uma das características da prosa romanesca:

[...] desde sempre, seguramente desde o século XVIII, desde Tom Jonnes de Fielding, o romance teve como verdadeiro objeto o conflito entre homens vivos e as relações petrificadas. Nesse processo, a própria alienação torna-se um meio estético para o romance. Pois quanto mais se alienam uns dos outros os homens, os indivíduos e as coletividades, tanto mais enigmáticos eles se tornam uns para os outros.

O autor procura levar o leitor a fazer uma comparação das personagens com o ser humano, sempre evidenciando o lado do bem e do mal de cada indivíduo que vai compondo a história. Corta-Cabeça, por exemplo, é uma espécie de guia espiritual do bando de Labareda, e tem sua identidade cultural formada pelos rituais que pratica na comenda das almas ao além. Mesmo assim, ainda consegue ser um “Cabra-Macho” sendo um dos comandados mais

destemidos do capitão:

[...] após os preparativos da ritualística fúnebre, erguendo o olhar luzidio e possesso, solta a voz fanhosa e arrastada: -Tragam-me o cadáver do irmão, para que possamos libertá-lo do mundo. E os homens, petrificados e borrando de medo, colocam o defunto no centro do pentagrama. O mago oficiante daquela cerimônia, em gestos esotéricos, abre o embornal enebado, de longos anos, e retira do seu conteúdo um cordão preto de São Francisco e o ata à cintura. Com esta providência, fecha as portas do inferno e dos espíritos malignos. Com o simples toque daquela jóia mágica, o seu espírito transforma-se, move-lhe, espontaneamente, as invocações: “...padre-nosso pela Sagrada Paixão de N.S. Jesus Cristo. Roga-se às almas proteção contra todos os tipos de inimigos, carnis e espirituais, visíveis e invisíveis...” (LIMA, 1995, p. 21).

A identidade de Corta-Cabeça vai se firmando a partir de sua responsabilidade como guia espiritual do bando. Contudo, ele age até certo ponto e quando determinada ação lhe é permitida, pois quando se confronta com outras práticas culturais de religiosidade, é extremamente cauteloso. Quando seu capitão o incube de uma tarefa bárbara, ele a repele com sua voz possante:

- Capitão, como sou o responsável espiritual do bando, eu lhe digo: deixe o homem viver, para o bem seu e de todos nós. Essa cigana possui o conhecimento secreto dos arcanos maiores (LIMA, 1995, p. 58).

A cigana, personagem secundária, firma sua identidade cultural através das orações fortes e dos símbolos de cabala deixados pelo seu povo. É nesse momento que Corta-Cabeça percebe as “facetas” dele no outro: “Corta-Cabeça dirige-lhe um olhar enigmático, só os dois entendem e compreendem tudo aquilo que acaba de se passar” (LIMA, 1995, p. 59).

Nesta ocasião, surge o sujeito sociológico, formado na convivência com outras pessoas, consciente da não autonomia e da não autossuficiência. É o sujeito cuja formação recebe as interferências do outro. Ele se identifica e se constrói a partir do outro. Ou seja, para ele ser bom, se compara com alguém que é mau, e vice-versa.

Então, o que somos e deixamos de ser depende do outro. Nessa perspectiva, não é apenas a ideia que o outro faz de nós, mas também, a ideia que fazemos de nós mesmos está determinada pelo outro, por ele ser o que é e como é. Isso pode ser compreendido na página 78, quando Corta-Cabeça se submete aos rituais espirituais da velha cigana, no intuito de ampliar e de melhorar suas próprias práticas.

E ali está diante da sacerdotisa, [...] Corta-Cabeça, de joelhos, tem à sua frente, riscado

no chão, de forma perfeita, um pentágono. A velha cigana ergue as mãos para o céu e entoa um cântico profundo, que ecoa ao longe, pelas margens do ribeirão. A mata estremece; um lobo uiva distante. Pelos ares paira um sopro de mistério. É o homem tentando abrir as portas da eternidade. E de maneira humilde, procura buscar os segredos da natureza. A cerimônia mística se arrasta pela madrugada adentro e, no final, a velha cigana coloca no pescoço de Corta-Cabeça um patuá e diz-lhe a última frase, soprando antes sete vezes no pentáculo: -“Per firmamentum et spiritum vocis, sis mihi...” (LIMA, 1995, p. 78).

Essa mescla de rituais e de valores culturais vão mudando o sujeito que outrora estava completamente estável. A necessidade de se estabelecer convencionalmente, acompanhando as mudanças estruturais, faz com que a identidade cultural fique instável, e passível de mudanças constantes. Nesse sentido, Hall afirma:

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

O sujeito pós-moderno é composto de várias identidades, algumas contraditórias e não resolvidas; um sujeito sem identidade fixa, essencial ou permanente. Ou seja, é um sujeito com a identidade em trânsito, devido a pós-modernidade ser pluralizada.

Atualmente, vive-se em um contexto de valorização da diversidade. Se por um lado existe a globalização, por outro lado, tem-se o elogio da diferença, da diversidade. Ou seja, o global não substitui o local. Isso possibilita uma diversidade mais ampla:

[...] se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias ser conjuntamente articuladas [...] (HALL, 2006, p. 17).

Gavião está sempre com Corta-Cabeça na realização dos atos mais bárbaros, sob orientação do Capitão Labareda. No caminho que se seguia, o grupo encontra um cortejo fúnebre e:

Gavião, com sua cara lambida, matraqueira, do alto da sela, não gosta do comportamento dos acompanhantes e, voltando-se para os companheiros que observam a cena, diz-lhes: -Vamos lascar fogo nesse povo malcriado, que não sabe nem dar bom dia a um vivente! (LIMA, 1995, p. 34).

Mesmo assim, o peão ainda procura se encontrar. Sua identidade ainda está em uma

pluralidade de indefinições, nada está resolvido. Labareda também procura a aceitação a partir do momento que compactua das mesmas atitudes violentas e vingativas do comparsa.

-Gavião, será que aquela fumaça não é do bando de Cacheado? -Sei não, Capitão. Talvez seja, pois já estamos na região do bandido. E os meninos estão ansiosos por este encontro. -E eu não vejo a hora de esgoelar aquele cascavel, Gavião. Quando me lembro da maldade daquele cachorro, ali em Pedro Afonso, sangrando o delegado, peado, igual porco, debaixo daquele pé de fruta-pão, na praça, e o berro do homem, chega me a cortar o coração (LIMA, 1995, pp. 51-52).

A identidade se dá a partir da interação com o outro, formando uma identidade conjunta da comunidade de forma geral. Contudo, o sujeito ainda tem “sua essência” e uma formação contínua na interação com as identidades externas que o mundo proporciona.

O texto de Stuart Hall ainda discorre mais efusivamente sobre a questão da identidade cultural. O teórico sistematiza a ideia central sobre o que é ser um sujeito contemporâneo, e ter uma identidade na atualidade, ou pós-modernidade.

Uma das características da pós-modernidade é a fragmentação que resulta em complexidade, pois temos que lidar com situações mais automatizadas e que se tornam complexas. Aprender, conhecer e construir conhecimento numa realidade diminuta e plural requer muito mais da pessoa.

A identidade cultural é fragmentada. Hall explica o percurso histórico sobre a causa dessa fragmentação e para isso divide o sujeito em três tipos: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O fato de estarmos na pós-modernidade não quer dizer que os sujeitos anteriores estejam superados.

O sujeito do iluminismo é o sujeito centrado, pautado pela razão que começou a ser constituído com o Renascimento, entre os séculos XV e XVI em que a razão ou método científico começou a ajudar a fundamentar estruturalmente o indivíduo. Ou seja, esse sujeito é individualista, centrado, unificado, dotado de capacidade e da razão.

Já o sujeito sociológico é formado na convivência com outras pessoas. Ele se identifica e se constrói a partir do outro. Ou seja, para ele ser bom, se compara com alguém que é mau, e vice-versa. Stuart Hall comenta em sua obra sobre alguns momentos que propiciaram o nascimento e morte do sujeito moderno e também pontua as características que marcam o sujeito sociológico.

O que caracteriza o sujeito moderno? Para responder a esse questionamento, ele se apoia em Raymond Williams, que parte da reforma protestante. “A reforma e o protestantismo

libertaram a consciência individual das instituições religiosas e expuseram os indivíduos aos olhos dos seus” (AUTOR, ANO, PÁGINA). Ou seja, a igreja não vai ser a mediadora do texto sagrado e sim o próprio sujeito terá acesso à bíblia, fazendo com que ele possa construir seu conhecimento, sem precisar que a instituição religiosa o faça por ele.

Outra linha de pensamento comentada pelo autor é a de René Descartes, quando ele apresenta o indivíduo no centro da mente, exaltando sua capacidade de pensar e de raciocinar. Quando refletimos sobre a frase emblemática “Penso logo existo”, no contexto atual parece insignificante, mas esse pensamento foi apresentado quando a sociedade estava se “libertando” do processo de construção, onde tudo deveria ser orientado pela igreja. Tudo que era pensado e fundamentado pela instituição religiosa. Vale ressaltar que as pessoas não deixaram de ser religiosas, apenas passaram a agir diretamente com o texto sagrado.

Então, Descartes, com todo seu interesse científico e racional, coloca o sujeito como senhor de seus pensamentos. Isso causou um grande impacto, pois as pessoas não viviam essa realidade. A sociedade tinha outra dinâmica de funcionamento e comportamento.

Outro filósofo importante foi John Locke, que caracteriza o indivíduo como soberano. Para Locke, o governo não pode restringir a liberdade pessoal, mas manter a liberdade pessoal. Já Adam Smith defende o empreendedorismo e o liberalismo econômico. Ou seja, o estado tem que deixar o comércio se regulamentar sozinho. Esses são os filósofos que auxiliaram na construção desse sujeito moderno.

Em seguida Hall comenta as contribuições de Karl Marx, que se volta para a linha de cidadania, com situações de proletariado: “O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno” (AUTOR, ANO, PÁGINA). Hall aponta dois eventos que corroboram esses fundamentos. O primeiro é a biologia darwiniana que continua com o dualismo, mas não o dualismo cartesiano. Aqui temos a razão que é dada pela natureza, em que a mente é o resultado do desenvolvimento do cérebro, em que da capacidade cognitiva cerebral do ponto de vista fisiológico.

O segundo evento são as novas ciências sociais. Aqui o dualismo cartesiano resulta em psicologia e em várias outras ciências que surgiram a partir do século XIX. Esses são os fatos que ajudaram a formar o sujeito moderno. Apesar de ter sujeitos bem fundamentados a partir de momentos históricos, isso não implica na superação dos outros.

Para além disso, há outros fatores, como por exemplo o descentramento do sujeito. São fatos que contribuíram para o nascimento. Agora, para a morte desse sujeito é preciso analisar

todo o processo de descentração, em que se percebe a concepção do sujeito sociológico.

Um dos fatos responsáveis pela descentração do sujeito pode ser compreendido a partir de Sigmund Freud, quando diz que a identidade e a sexualidade são formadas com base em processos psíquicos e simbólicos diferentes da razão. Novamente o autor entra em conflito com Descartes, contudo, não discorda por completo do filósofo, pois uma ideia não substitui a outra.

Por conseguinte, o autor comenta Ferdinand de Saussure, que diz ser a língua um sistema social, e não um sistema individual. Ela preexiste ao indivíduo. A comunicação é um dos principais meios pelo qual se expressa a racionalidade humana, contudo não é determinada pelo indivíduo, ela é dada por um contexto sócio-histórico.

Consecutivamente, Foucault, quando diz que o poder disciplinar primeiramente se preocupa com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras. Esse poder disciplinar se preocupa com o indivíduo e com o corpo, regulando a coletividade. Em segundo lugar vem o indivíduo. Ou seja, mais um que coloca e apresenta o indivíduo como parte de um todo como um ser social.

[...] o poder disciplinar está preocupado, em primeiro lugar, com a regulação, a vigilância e o governo da espécie humana ou de populações inteiras e, em segundo lugar, do indivíduo e do corpo. Seus locais são aquelas novas instituições que se desenvolveram ao longo do século XIX e que "policiam" e disciplinam as populações modernas - oficinas, quartéis, escolas, prisões, hospitais, clínicas [...] (HALL, 2006, p. 42).

Ainda de acordo com Hall (2006, p. 49 apud SCHWARZ, 1986, p. 106), “[...] em outra instância ele discorre sobre a identidade nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu “poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade”. Isso leva à formação da cultura nacional contribuindo para a criação de padrões de alfabetização, resumindo em uma linguagem como meio principal nacional, criando cultura e instituições culturais homogêneas e mantidas pelo governo no intuito de desenvolver um sistema nacional de educação.

A identidade nacional é uma comunidade imaginada

A nação, de forma generalizada e convencionada, estabelece regras de convivência em todos os âmbitos socioculturais. Levando o indivíduo a “formatar-se” de acordo com as regras pré-estabelecidas por diversos segmentos, tais como a cultura, a religião, a língua e a política.

[...] a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” - que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “fundacional”. Mas essa crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito [...] (HALL, 2006, p. 62).

Nessa perspectiva, o cidadão passa por uma fragmentação de códigos culturais, levando-o a uma diversidade de estilos que desencadeiam no consumismo mundial, principalmente agora com o avanço tecnológico. Tudo está levando as identidades culturais ao colapso, segundo alguns teóricos como Kennedth Thompson (1992):

[...] os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de “identidades partilhadas”- como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo [...] (HALL, 2006, p. 74).

Quanto mais as nações ficam à mercê das influências de outros povos, fica difícil manter as identidades culturais íntegras ou deixar que elas se tornem extenuadas, diante da invasão de estigmas culturais globais.

Retomando, Hall está falando de uma identidade formada pelo consumo:

[...] foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural” (HALL, 2006, pp. 75-76).

Nessa passagem Hall faz inferência de que pode ser o fato do indivíduo que tem a capacidade econômica para consumir, ou para aquele que não tenha esse poder aquisitivo, mas sonha em consumir. Então, o indivíduo deve consumir para se definir. Aceitando ou rejeitando as estratégias de marketing, o indivíduo está formando uma identidade. O consumo é referência, independe de a pessoa consumir ou não.

Considerações finais

Os fatos histórico-sociais experienciados pelos indivíduos são parte integrante da construção da identidade cultural. Como o foco principal deste artigo é tratar dessa relação,

investigando para isso como os personagens constroem a si mesmos no romance de Moura Lima, mais precisamente os peões, em sua incessante busca pela vingança contra o bando de Cacheado e Abílio Batata, na firmação do território compreendido entre Porto Nacional e o Jalapão, acredita-se ter alcançado o objetivo de traçar esses paralelos – o erigir das identidades e sua relação com os eventos da história de determinada região.

As questões pessoais, sociais e políticas apresentadas pelo autor, mostram a dificuldade dos governantes em manter a ordem na região, onde os coronéis, com o “trabalho” oferecidos pelos bandoleiros, pleiteiam o domínio absoluto das terras, já não tão civilizadas, devido a arrogância e o egoísmo dos mais abastados.

A voz que impera é a do indivíduo destemido e com o objetivo de lutar por uma causa, seja ela do bem ou do mal. O importante é se firmar como vencedor. E, como consequência, esse processo proporciona a formação da identidade cultural, onde o “eu” social é fundamental nessa construção.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Notas de literatura I*. Duas Cidades. Editora 34, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LIMA, Moura. *Serra dos Pilões: Jagunços e Tropeiros*. Gurupi: Gráfica e Editora Cometa, 1995.

PEREIRA, Helder Rodrigues. *A crise da identidade na cultura pós-moderna*. *Mental*. 2021; 2(2) :89-100. doi: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v2n2/v2n2a07.pdf> > Acessado em: 27 maio. 2021.